

Urbanismo Prefeitura quer Centro Histórico sem lixo nas ruas, livre de violência, camelôs e mendigos

Cidade de São Paulo tenta criar espaço de utopia urbana

Paulo Totti
De São Paulo

Quantas vezes por dia é preciso varrer ruas e praças do centro de São Paulo? Duas vezes, como acontece agora? Ou quatro vezes, como seria de se exigir para que a região permanecesse realmente limpa? E quanto custa duplicar o serviço e acertar os horários de varrição? São estes os detalhes que faltam para que prefeitura, Estado e iniciativa privada anunciem oficialmente a Aliança pelo Centro Histórico, pacto para a implantação de um programa de qualidade total e tolerância zero em 35 pequenas ruas e praças do centro da cidade.

Exatamente onde São Paulo nasceu há 454 anos, num triângulo de apenas meio quilômetro quadrado, delimitado hoje pelo Largo de São Bento, a Praça da Sé e o Largo de São Francisco, com o Pátio do Colégio no meio, se tentará criar um espaço de utopia urbana. Segundo os planos, nesse pedaço de São Paulo, ainda nestes dias de junho/julho, antes das eleições municipais, não mais haverá lixo acumulado nas esquinas, funcionarão todas as lâmpadas de iluminação pública, o piso de pedras portuguesas das vias de pedestres — 85% da área — não terá falhas, nem o asfalto, buracos, crianças não dormirão debaixo das marquises e os mendigos serão recolhidos a um albergue, longe do triângulo.

Aos poucos, o meio das ruas de pedestres deixará de ser ocupado pelas banquinhas de barulhentos camelôs e pelos silenciosos homens-sanduíche, tristes personagens que anunciam a compra de um ouro que aparentemente ninguém vende. Onde já são raros os crimes violentos, não haverá pequenos furtos, pois com permanente vigilância será eliminado aquilo que o coronel PM Álvaro Camilo, 47 anos, comandante do Policiamento da Área Centro, chama de “desordem social” (desocupados, população de rua, mendigos) e que, aliada à “desordem física” (prédios abandonados, terrenos baldios, ambientes degradados), são causas da violência.

Com ruas, enfim, limpas e tranquilas, as cerca de 1,2 milhão de pessoas que ali trabalham ou por ali transitam diariamente poderão

fazê-lo sem outra preocupação, talvez, do que com a superlotação dos trens nas estações de metrô (Anhangabaú, Sé, São Bento) ou dos ônibus nos terminais da vizinhança (Pedro Lessa, Praça da Bandeira e Parque Dom Pedro). Freqüentadores do bar Salve Jorge, na minúscula rua Antônio Prado, não mais se preocuparão com trombadinhas e pedintes, e poderão concentrar-se na volatilidade dos negócios da instituição em frente, BM&F Bovespa, a mais rica do pedaço em valor de mercado (R\$ 30 bilhões). Ali perto, na esquina da Rua do Tesouro com Boa Vista, funcionários da presidência de outra instituição muito rica, o estadual Banco Nossa Caixa (R\$ 3 bilhões), estarão focados em como será a vida com um novo patrão, provavelmente o Banco do Brasil.

Como a preparar-se para o futuro, empresas comerciais e de serviços da região reciclaram seus imóveis nos últimos anos, quando a melhora em geral da economia fez aparecerem os consumidores e a prefeitura começou a interessar-se pela criação de um ambiente de negócios no centro da cidade. Algumas delas, grandemente geradoras de empregos como a Atento, call center ligado à Telefônica, mudaram-se para o triângulo. Para lá também foram quatro campi da Uniesp, e uma quinta extensão universitária virá de Guarulhos para se instalar — é a nova moda — nos andares superiores do Shopping Center Light do outro lado do Anhangabaú, fronteira do triângulo. “Faculdades são importantes porque asseguram movimento à noite”, diz Marco Antônio Ramos de Almeida, superintendente da Associação Viva o Centro, de onde partiu a maioria das coisas boas que aconteceram na região central de São Paulo nestas duas décadas.

A ausência de garagens e estacionamentos subterrâneos é, porém, um problema. A Santa Casa de São Paulo, por exemplo, tem oito prédios na área para locação. Um deles, de 12 andares, o Ouro para o Bem de São Paulo, na Álvares Penteado, foi inaugurado em 1932, durante a revolução constitucionista. Por falta de garagens, um conjunto de 90 metros quadrados, aluguel de R\$ 1.080 mensais e condomínio de R\$ 800, continua vazio. A procura crescente de outras salas e

conjuntos, entretanto, tornou sem efeito a promoção que permanece anunciada na portaria do edifício: “Pague aluguel somente a partir do quarto mês”.

Na gestão de Marta Suplicy (PT), a própria prefeitura abriu o caminho da revitalização, transferindo-se para o Viaduto do Chá, à entrada do triângulo. E a gestão atual, de Gilberto Kassab (DEM), à frente o secretário das Subprefeituras, Angelo Andrea Matarazzo, transformou o centro histórico em uma das amostras de sua administração. Matarazzo contesta que se pretenda criar no centro de São Paulo, uma região “higienizada”, discriminatória. “Queremos fazer do centro um lugar onde todos se sintam bem, trabalhem, passeiem, façam turismo tranquilamente. Sim, será uma região limpa. Mas isso não é ser contra pobre, porque pobre também gosta de limpeza. Tíhamos 3 mil moradores de rua em São Paulo. Hoje são entre 300 e 450. Sem truculência, mas com persistência, nossa equipe vai lá, conversa. Eles acabam concordando em ir para um albergue e muitos até voltam para a família. A maioria da população de rua tem problemas mentais ou de drogas. Precisa ser tratada”, diz Matarazzo. “Veja: também não há mais criança carente pelo centro, nem aqui nem na praça da Sé”, acrescenta o sobrinho-neto do famoso conde Francesco (Castellabata, Itália, 1854-São Paulo, 1937), em frente à Galeria Prestes Maia.

Às costas do secretário, na multidão de pedestres, ao meio dia de uma quinta-feira, as duas únicas crianças no campo de visão estão acompanhadas dos pais. Vieram de Bauri, saíram do Hotel Othon, na Libero Badaró, apreciaram a estátua de José Bonifácio de Andrada e Silva e agora vão na direção da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde o pai se formou.

Ramos de Almeida, 62 anos, aposentado depois de trabalhar 30 anos na antiga sede do Banco de Boston na Libero Badaró, diz que a região escolhida é emblemática porque é a que representa a São Paulo das primeiras décadas do século 19.

Em seus arredores, naquela época, começava o interior (Há um quadro de 1826 do inglês Charles Landseer, com a perspec-

O triângulo da paz

Projeto piloto será implantado na área onde a cidade nasceu



tiva a partir da rua do Paredão do Piques, hoje Xavier de Toledo, em que aparecem destacadas contra o horizonte as torres do Colégio, do Rosário, da Sé, do Carmo e de São Francisco. O triângulo histórico de hoje ocupa exatamente o espaço retratado pelo lápis de Landseer). “Este é um projeto piloto. Depois, pode e deve expandir-se para outras áreas”, diz Ramos de Almeida.

Para a execução desse plano a prefeitura entrará com a maior parte do trabalho — policiamento comunitário, repressão ao comércio irregular, limpeza, iluminação, conserto de calçadas, assistência social. A Polícia Militar patrulhará as ruas, com carros, bicicletas, a pé, e até uma novidade — as “seg way”, veículo de duas rodas ligadas por um eixo sobre o qual se equilibra o vigilante. Ideal para uso em curtas distâncias e velocidade de 20 quilômetros por hora, o engenho ainda não ganhou apelido mas já é visto em alguns estacionamentos de shopping centers.

A PM combaterá o contrabando, a pirataria, a carga roubada, o tráfico de entorpecentes. “Haverá integração com a prefeitura e outros órgãos do Estado”, diz o coronel Álvaro Camilo. “A intenção não é reprimir. Queremos que as pessoas se sintam bem, em paz e segurança. Se tivermos de prender um cidadão que está vendendo produto pirata, vamos

explicar para o pessoal que se junta ao redor: pirataria é crime que, além de tudo, tira o emprego de milhares de pessoas”. Perguntado se a operação no centro histórico está baseada na tolerância zero do ex-prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani, o coronel Camilo se esquivou. “Gosto de dois estudiosos da violência nos Estados Unidos, George Kelling e William Bratton, com sua teoria das ‘broken windows’ (janelas quebradas): conserte-as ao primeiro vidro rompido, se não, em pouco tempo, não haverá vidraça inteira no quarteirão”.

À teoria das janelas quebradas, o engenheiro Amaury Pastorello, subprefeito da Sé, gestão administrativa a que pertence o triângulo histórico, acrescenta a responsabilidade do administrador. “O importante”, diz, “é cada um fazer a sua parte. Se fizer com qualidade total, dará certo”. Sobre os ambulantes que ainda infestam o centro, Pastorello diz que “é preciso tirar e não deixar voltar”. Ele exemplifica com o que aconteceu no bairro de Pirituba, na zona noroeste, onde foi subprefeito no início da gestão José Serra (PSDB) na prefeitura. “Aos sábados, havia uma feira de produtos de procedência duvidosa. Entregamos aos feirantes um panfleto: hoje é o último dia. No sábado seguinte, quando eles chegaram, a PM já ocupava toda a área. A feira acabou”. (Veja nos textos abaixo exemplos da coexistência

de camelôs, guarda metropolitanos e PMs no centro histórico).

A Aliança se completa com a participação da iniciativa privada, representada pela Associação Viva o Centro, criada há 18 anos por inspiração do então banqueiro Henrique Meirelles e que continua na presidência da ONG, acumulando-a com a do Banco Central. A Viva o Centro, instalará, às suas custas e em imóvel cedido pela Prefeitura, uma central (zeladoria) para acompanhar durante 24 horas tudo que acontece na área. Esta será dividida em cinco microáreas — São Francisco, Libero Badaró/S. Bento, Boa Vista/Pátio do Colégio, 15 de Novembro/Álvares Penteado e Sé. Os “zeladores” circularão permanentemente em cada subárea e se reportarão à central. A Viva o Centro já tem planejadas 19 ações locais a serem desenvolvidas nas subáreas e elas começarão a ser executadas 15 dias após o lançamento oficial da Aliança. O intervalo é para que os empresários da região tomem conhecimento da novidade e se preparem para colaborar com ela. “Precisamos, por exemplo, combinar os horários de colocar o lixo para a coleta. A intenção é que isso ocorra ‘just in time’, para que os sacos não fiquem abandonados na esquina e o mau cheiro não se espalhe. Tudo tem que funcionar num padrão de rigorosa qualidade”, diz Ramos de Almeida.

“Vende, compra, troca, consegue ‘desbroquei’”

De São Paulo

Em frente à segunda barraca de camelô à direita de quem desce a General Carneiro, onde a praça Padre Manuel da Nóbrega e o Pátio do Colégio se encontram e se confundem, a mulher canta e bate palmas. “Vende/ compra/ troca/ consegue desbroquei”. E também dança, balança ombros e pernas, cada sílaba corresponde a uma batida de mão e a um movimento dos pés; dois passos para a frente, um

para a direita, outro para a esquerda, meia volta e recomeça. A mulher faz qualquer negócio com aparelhos celulares, inclusive desbloqueios. Há tendas armadas nos dois lados da General Carneiro e, na sua parte de cima, os “siris”, camelôs não autorizados, ocupam o centro da rua. Às 10h55 de uma quarta-feira, vindos da rua do Tesouro, três homens e duas mulheres da Guarda Civil Metropolitana aparecem na ladeira. Caminham devagar e têm o olhar fixo em dife-

rentes horizontes. Os siris vão recolhendo as bugingangas e andando na direção do Pátio do Colégio. Os guardas não correm, os camelôs também não. Mantêm respeitosa distância. Na ida e na volta. Às 11h01, os guardas viram-se e tomam lentamente o caminho da rua do Tesouro. Os camelôs os seguem de perto e voltam a seus antigos lugares. Já são 14 os que, às 11h03, ocupam novamente o meio da rua, com sua oferta de tênis, roupas de bebê, óculos escu-

ros, sutiãs, calcinhas, bijuterias, porta-documentos, tudo com preços que acabam sempre em ,99. Recomeça o canto ritmado da negociante de celulares. E o canto se mistura, mais abaixo, com o pregão de outros ambulantes, na esquina da General Carneiro com Bettencourt Rodrigues, já na fronteira do triângulo histórico, quase a invadir a 25 de Março. Agora são centenas, do número 231 para baixo. Por aqui a Guarda Civil não é vista com freqüência. (PT)

À noite na rua Direita, meia dúzia de DVDs por R\$ 5

De São Paulo

Às 8 da noite, bares e lanchonetes jogam água marrom e espuma branca pelas calçadas. Os engraxates da esquina da João Bricola com Antônio Prado foram embora e já estão fechados os cafés Arena Pelé e Cafezal. Há algum movimento na Praça da Sé, na rua 15 de Novembro em frente às faculdades da Uniesp, e se estende por duas ou mais horas o happy hour do Salve Jorge, iluminado na calçada, no salão principal e na sobreloja. Na rua Direita, no caminho da São Bento e

da Praça do Patriarca, as Lojas Americanas já baixaram suas cortinas, mas no meio da rua prosseguem animada a feira de DVDs.

“Só lançamento”. “Um real o DVD”. “Leva seis DVD e paga cinco reais”, gritam os pares de ambulantes, em sua maioria casais. Cada dupla comanda um lençol azul estendido no chão, com dezenas, centenas de gravações de filmes e espetáculos musicais. Em cada lençol há um pequeno equipamento de leitura de DVDs. O freguês pode pedir para testar no aparelho, por exemplo, se

uma embalagem do Rambo IV contém realmente o filme com Sylvester Stallone. Ao optar pelo teste, perderá o desconto. Pagará cinco reais e levará cinco discos.

Às 20h03 um carro da PM entra lentamente na Rua Direita, vindo da Quintino Bocayuva. Os policiais olham para longe, alguma coisa distante sempre parece prender a atenção dos policiais. Também sem muita pressa, um dos ambulantes pega uma ponta do lençol e o junta à ponta que o companheiro levantou do outro lado. Forma-se um pacote. O camelô segura-o como se

fora um saco de roupa suja. Ou, nas costas, como Papai Noel. O carro da PM passa. Vista do alto, à meia luz, a cena parece coreografada. À frente do carro um lençol é levantado. E outro é estendido logo atrás do carro, ao longo de dois quarteirões. O carro se vai, ambulantes e fregueses continuam os negócios a partir do estágio em que estavam quando a polícia apareceu. “Seu troco, cidadão”. “Aqui estão os três reais, você me deu três DVDs”. “Obrigado”. “Disponha”. “Amanhã lhe trago o último do Tom Cruz. Da Angelina Jôli não garanto”. (PT)



Andrea Matarazzo: Um centro tranquilo para trabalhar e fazer turismo